



O curso Técnico em Agroecologia: dilemas práticos de uma ciência em construção

Technical Education in Agroecology: practical dilemmas of a science under construction

KLAHOLD, Guilherme Francisco¹

¹UFPR, guilhermefranciscoklahold@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Educação em Agroecologia

Resumo: O trabalho faz uma análise da transição do curso Técnico em Agroecologia para o curso Técnico Agrícola da Casa Familiar Rural de São Mateus do Sul do Paraná, com o objetivo de compreender possíveis impasses das experiências de educação formal em agroecologia, contribuindo para a construção de estratégias para a manutenção desses cursos. A pesquisa se baseou nos princípios da pesquisa participante a partir de Brandão, concebendo as concepções dos participantes da pesquisa como base para as reflexões sobre o problema situado. A partir da realização de entrevistas e questionários com a comunidade, pudemos perceber que a transição curricular teve como efeito o enfraquecimento dos princípios ambientais e ecológicos do colégio e o aumento do número de matriculados. Este fenômeno demonstra como a continuação dos cursos de educação formal em agroecologia pode estar condicionada a outras pautas, como a formalização da profissão e a intensificação do debate político em torno da agroecologia.

Palavras-chave: educação em agroecologia, casa familiar rural, ensino técnico.

Introdução

A compreensão das potencialidades e limites das experiências práticas de educação em agroecologia envolve um estudo de uma diversidade de casos, sejam de projetos em andamento e/ou já consolidados, iniciativas formais e não formalizadas. Apesar dos avanços no sentido de construir uma base teórica e técnica para a produção e reprodução dos conhecimentos agroecológicos, podemos encontrar uma série de elementos que dificultam a expansão desses conhecimentos na arena educacional. Tendo em vista o caráter emergente da educação em agroecologia, consideramos de imensa importância estudar também as experiências descontinuadas, pois revelam potenciais empecilhos para o pleno desenvolvimento dos projetos em curso.

A partir destas considerações, o problema analisado nesta pesquisa será os dilemas que envolveram a descontinuidade do curso técnico em Agroecologia da Casa Familiar Rural de São Mateus do Sul do Paraná (CFR-SMS-PR), que passou a ofertar o curso Técnico Agrícola após a transição curricular iniciada no ano de 2022. A transição teve implicações decisivas no projeto de ensino da escola, na medida em que substituiu os princípios ecológicos do currículo para privilegiar as bases de ensino agrícola características da agricultura convencional. As motivações para essa mudança estão relacionadas à pressão externa da Secretaria Estadual de Educação do Paraná (SEED/PR) pela adoção de um currículo mais próximo dos



princípios da nova Base Nacional Comum Curricular; aos dilemas internos envolvendo a falta de reconhecimento da formação em agroecologia no funcionalismo público e no mercado da região; e à dificuldade de conciliar os saberes agroecológicos e as práticas familiares. A partir desse caso, o objetivo da pesquisa foi identificar aspectos que revelem possíveis impasses para a continuidade dos cursos de educação formal em agroecologia no ensino básico.

Tendo em vista o caráter recente da transição curricular da CFR-SMS-PR, consideramos que esse caso poderá fornecer subsídios para se pensar nos impasses presentes na educação formal em agroecologia. Além do mais, outra justificativa para a escolha deste tema é que, a partir deste caso, possibilita-se a identificação de problemas de origens comuns e causas gerais, contribuindo para a construção de estratégias de resistência para as iniciativas de educação agroecológica.

Metodologia

A pesquisa foi realizada na escola do campo Casa Familiar Rural localizada no município de São Mateus do Sul, na região sul paranaense, e iniciou-se no ano de 2021, em meio ao contexto da pandemia do Covid-19 e aos debates sobre uma possível transição curricular. A escola foi criada no ano de 2006, fica na região rural do município, e acolhe principalmente estudantes residentes no campo, priorizando jovens provenientes da agricultura familiar. O colégio se baseia na pedagogia da alternância, que define a articulação entre as disciplinas da base comum curricular, as disciplinas da base técnica de ensino e os Temas Geradores¹.

A metodologia que orientou o estudo foi baseada na pesquisa participante, entendida como uma forma de privilegiar as percepções das comunidades estudadas na delimitação do objeto de análise (BRANDÃO, 1999). A partir desta perspectiva, realizamos entrevistas e aplicamos questionários para visualizar a percepção da comunidade acerca do ensino Técnico em Agroecologia, indagando quais suas considerações em relação ao contexto agropecuário da região e suas expectativas acerca da implementação do curso Técnico Agrícola.

O município de São Mateus do Sul tem cerca de 41.257 habitantes, e é caracterizado pela presença da agricultura familiar, além de ser uma região central na extração do xisto mineral. Entre os agricultores, há uma predominância da agricultura convencional e de práticas agrícolas semi-intensivas, com poucos estabelecimentos de produção orgânica ou agroecológica. De acordo com o Censo Agropecuária de 2017, o município possui 3.406 estabelecimentos agropecuários, e dentre eles há cerca de 2.126 que utilizam adubação química e 2.150 que utilizam agrotóxicos nas suas produções. Nestes estabelecimentos, predomina o sistema de

¹ Os Temas Geradores englobam um conjunto de práticas e conteúdos definidos em diálogo com a comunidade escolar em que o colégio está inserido, e representam uma forma de adaptar o currículo às demandas locais. No caso da CFR-SMS-PR, os Temas Geradores estão relacionados principalmente às culturas agrícolas da região, e adaptam-se à sazonalidade do território.



Plantio Direto na Palha, presente em 1.609 estabelecimentos, e cerca de 918 utilizam o sistema de Plantio Convencional (IBGE, 2017).

A observação do contexto agrícola da região de SMS é de suma importância para compreendermos as percepções e os posicionamentos da comunidade escolar da CFR-SMS-PR, visto que grande parte dos problemas enfrentados na formação técnica em agroecologia estão relacionados às dinâmicas agropecuárias da região. Desta forma, refletimos de que forma a descontinuidade do curso Técnico em Agroecologia revela questões específicas do contexto em que está inserido e elementos gerais concernentes ao processo de expansão da agroecologia na arena educacional e acadêmica.

Resultados e Discussão

Antes de tratar das implicações do caso da transição curricular da CFR-SMS-PR, cabe analisar alguns dos elementos que envolvem a construção da educação em agroecologia no Brasil. O processo de construção do conceito de agroecologia, localizado entre as décadas de 60 e 70 do século XX, possui um caráter recente no debate acadêmico e político brasileiro, e surge como um movimento de oposição à realização da modernização “conservadora” da agricultura pela Revolução Verde. Após cerca de seis décadas de estudos e debates em torno do “fazer agroecológico”, podemos considerar que estas são as suas duas principais definições: a agroecologia como um novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável, e/ou a agroecologia como uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis (CAPORAL, 2011). Essas duas definições se complementam para entender a agroecologia como um campo de estudos que se

(...) nutre dos saberes, conhecimentos e experiências dos agricultores(as), dos povos indígenas, dos povos da floresta, dos pescadores(as), das comunidades quilombolas, bem como dos demais atores sociais envolvidos em processos de desenvolvimento rural, incorporando o potencial endógeno, isto é, presente no “local” (CAPORAL, 2011).

Desta forma, as próprias bases epistemológicas da agroecologia se distinguem conclusivamente dos fundamentos de ciências e paradigmas produtivos tradicionais já consolidados na arena acadêmica e política ao conceber uma construção de saberes de caráter adaptado às demandas culturais e socioambientais locais

Apesar dos avanços, esta nova ciência e/ou paradigma encontra diversos obstáculos para efetivar seus projetos de transformação rumo ao desenvolvimento rural sustentável, na medida em que tanto o Estado quanto as lógicas dos mercados privilegiam as iniciativas voltadas para a agricultura convencional e para o “agronegócio”, negligenciando as demandas sociais, ambientais e culturais das populações do campo. Esses obstáculos para efetivar os projetos da agroecologia podem ser melhor visualizados quando observamos as experiências de educação formal em agroecologia surgidas nas últimas décadas, que exemplificam muitos dos dilemas enfrentados no processo de instituição deste campo de estudos no Brasil.



Vale ressaltar que experiências não formais de educação agrícola alternativas já se proliferavam no contexto agrário brasileiro desde antes da década de 50 do século XX, e revelavam interessantes estratégias de resistência das populações camponesas contra os “problema que a formação tradicional nas escolas rurais do Estado trazia (isso onde havia escolas), como por exemplo a negação do campo como um espaço de vida e trabalho” (SOUSA, 2017, p. 28-29). A formalização destas experiências só passou a se intensificar entre as década de 60-90, com a criação dos Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFAs), que se baseiam nos modelos das Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) italianas e das Casas Familiares Rurais (CFRs) francesas; e com o movimento pela Educação do Campo, pensada como “uma proposta de desenvolver novas metodologias de ensino, revalorizar os saberes populares e propor políticas públicas diferenciadas para a população do espaço rural” (SOUSA, 2017, p. 29).

A educação agroecológica formal surge a partir de uma das grandes conquistas do movimento pela educação do campo, que foi a instituição do Programa Nacional de Educação da Reforma Agrária (PRONERA), que além de investir em cursos de formação docente voltados para a alfabetização e o aumento do nível educativo primário, passou a se preocupar também com a qualificação técnica para a extensão rural (SOUSA, 2017). Entretanto, apesar do crescente apoio de Organizações Não Governamentais (ONGs), de universidades e de movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) às iniciativas de educação em agroecologia, esse tema permanece inerte nas pautas políticas e sociais de determinadas regiões, o que dificulta a criação e manutenção dos cursos de agroecologia. Segundo Balla, Massukado e Pimentel:

Existem desafios políticos, culturais e administrativos que precisam ser vencidos para favorecer a institucionalização dos cursos de agroecologia na educação brasileira. Dentre os desafios está a regulamentação da profissão, o reconhecimento nos conselhos regionais e as atribuições de um agroecólogo (NORDER, 2010). Além disso, há ainda uma questão não consensuada que é o “como fazer” um curso de agroecologia no âmbito da educação formal (BALLA et al., 2014, p. 4).

Os desafios citados por Balla *et al* repercutem de diversas formas nas experiências de educação em agroecologia que surgiram nas últimas décadas, e tem efeitos decisivos no caso da transição curricular da CFR-SMS-PR. Na pesquisa realizada no ano de 2021, um dos primeiros pontos levantados pelas professoras da base técnica para justificar a dificuldade de se trabalhar com a agroecologia foi a falta de experiência no estudo deste tema durante seus cursos superiores, sendo elas três formadas em Engenharia Agrônoma ou Medicina Veterinária.

Prof Elisa — A agroecologia, na realidade, a gente não tem um profissional específico, porque a gente acaba adaptando à realidade. Então, a gente não tem muito, na faculdade a gente acaba não tendo estas disciplinas, então a gente acaba trabalhando com o que a gente vai aprendendo junto aos alunos (KLAHOLD, 2022).



Além disso, outros fatores enfatizados pelas docentes para justificar essa dificuldade foram a baixa inserção profissional dos estudantes do curso Técnico em Agroecologia no mercado de trabalho da região e a baixa aderência dos conhecimentos agroecológicos pelas famílias desses jovens (KLAHOLD, 2022).

A partir desses impasses para dar continuidade ao curso Técnico em Agroecologia, a possibilidade de mudar a formação ofertada pela escola por um curso mais “amplo” e “atrativo” para a região aparece como uma solução para frear a crescente queda no número de matrículas da instituição, que poderia levar ao fechamento da escola nos anos seguintes. A ideia de um curso mais “amplo” e “atrativo” se refere à uma formação menos restrita à promoção da sustentabilidade ambiental e mais adaptada às dinâmicas agrícolas locais — caracterizadas pelos princípios da agricultura convencional e semi-intensiva —, deslocando os fundamentos da agroecologia para um lugar secundário, como apenas um eixo das ciências agrárias tradicionais. Se antes o debate ambiental estava presente em todas as disciplinas técnicas, na nova formação ele aparece apenas em uma matéria localizada no terceiro ano do ensino médio, influenciando muito menos na formação dos jovens do que no curso Técnico em Agroecologia. Logo, a transição curricular para o curso Técnico Agrícola pode não acarretar na exclusão dos princípios ecológicos do currículo, mas enfraquece o potencial destes princípios dentro da formação dos estudantes.

Conclusões

Após dois anos do início da transição curricular, a quebra da restrição ao uso de insumos químicos nas práticas agrícolas escolares e o crescente aumento no número de matrículas atestam em favor das expectativas criadas no início da pesquisa, demonstrando como a transição curricular, apesar de enfraquecer a pauta socioambiental no colégio, possibilitou a continuação das atividades da CFR-SMS-PR. De outra perspectiva, podemos entender que o próprio enfraquecimento dessa pauta foi a condição para o não fechamento da escola, na medida em que a comunidade já não conseguia conciliar as demandas familiares e do mercado agrícola com uma educação agroecológica fragilizada pela falta de apoio político, de reconhecimento profissional e de políticas públicas próprias.

Embora possamos entender o caso da transição curricular da CFR-SMS-PR como um caso atípico, situado em meio a um contexto político nacional e estadual de enfraquecimento da pauta agroecológica e de diminuição dos princípios democráticos de participação popular nas decisões de caráter público, este fenômeno também nos revela dilemas concernentes às dinâmicas locais e regionais, e demonstram como a continuação dos cursos de educação formal em agroecologia no ensino básico estão condicionados à regulação e reconhecimento profissional dos agroecólogos; à expansão dos conhecimentos agroecológicos dentro das ciências agrárias tradicionais e enquanto uma ciência própria no ensino superior; e/ou à pressão política contínua dos movimentos sociais e comunidades civis pela continuação destas práticas.



Referências bibliográficas

BALLA, João V. Q.; MASSUKADO, Luciana M.; PIMENTEL, Vania C. **Panorama dos cursos de agroecologia no Brasil**. Revista Brasileira de Agroecologia, v. 9, n. 2, 2014.

BRANDÃO, Carlos R. **O AFETO DA TERRA**: imaginários, sensibilidades e motivações de relacionamentos com a natureza e o meio ambiente entre agricultores e criadores sitiados do bairro dos Pretos, nas encostas paulistas da serra da Mantiqueira, em Joanópolis. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

CAPORAL, Francisco R.; COSTABEBER, José A.; PAULUS, Gervásio. **Agroecologia**: matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável. In.: CAPORAL, F. R. (Org.); AZEVEDO, E. O. (Org.). Princípios e Perspectivas da Agroecologia. 1.ed. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2011. v.1. 192p.

IBGE. **Censo Agropecuário 2017**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2wzsoU0>>. Acesso em: 28/06/2023

KLAHOLD, Guilherme F. **A Educação do Campo e a Agroecologia na Casa Familiar Rural de São Mateus do Sul**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) — Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, p. 100. 2022.

SOUSA, Romier da P. **Educação em agroecologia**: reflexões sobre a formação contra-hegemônica de camponeses no Brasil. Cienc. Cult. [online]. 2017, vol.69, n.2, pp.28-33. ISSN 2317-6660. <http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602017000200011>.